

Walter Benjamin, Sigmund Freud e o trauma das máquinas¹

Examinando a obra de Freud cronologicamente, de trás para frente, causa estranhamento o fato de que o problema e a teoria do trauma em Psicanálise sofressem a ação de forças recalcentes no interior do próprio movimento psicanalítico. Diferentemente da neurose histérica, da neurose obsessiva e da neurose de angústia, a neurose traumática não foi matéria do pensamento de Freud até 1920.² As consequências visíveis e inegáveis dos acidentes imprevistos e das catástrofes estavam, até então, fora do alcance da metapsicologia, embora seus efeitos psíquicos fossem flagrantes e inegáveis.

1 Essa é uma versão ligeiramente modificada do artigo de minha autoria intitulado “Sigmund Freud, Walter Benjamin e o trauma das máquinas” publicado em 2012 como capítulo do livro intitulado *Walter Benjamin: rastro, aura e história* em Belo Horizonte, pela Editora da UFMG.

2 Nas primeiras elaborações freudianas, a partir de 1895, o trauma revelava-se no excesso de sexualidade vivido pelo sujeito e impossível de ser reconhecido enquanto tal. O mecanismo de defesa psíquico que se punha em ação era o recalque. A retomada da teoria do trauma em 1920 opera essa virada na qual Freud admite o traumatismo não sexual, mais além do princípio do prazer. Uma análise pormenorizada do recalque do trauma na Psicanálise bem como uma discussão da apresentação da neurose traumática ao longo da obra freudiana foi feita em Endo, P. C. *A Violência no Pensamento de Freud*. In: Endo, P. C. *A Violência no Coração da Cidade: Um Estudo Psicanalítico*, São Paulo: Fapesp/ Escuta, p. 121-146, 2005.

Na hesitação de Freud e de seus discípulos em reconhecer o trauma como eixo importante da clínica e da teoria psicanalítica, percebemos aquele dilema e aquelas perguntas que o fizeram hesitar e insistir diante do impensável. A violência seria matéria para o pensamento e a clínica psicanalíticas? Quais as consequências de incluí-la como objeto da prática clínica e da metapsicologia? Seria um equívoco supor que a Psicanálise, já consolidada do ponto de vista da clínica, pudesse ousar mais além de suas especulações mais ou menos seguras, apoiadas por seus conceitos já bem apresentados e esclarecidos até 1920, ano da publicação do texto *Mais além do princípio do prazer*?

A miríade de impasses que atravessavam esse momento, imediatamente posterior ao fim da primeira guerra mundial, também se impuseram a Freud, e não teremos documento mais impressionante dessa encruzilhada do pensamento de freudiano do que o texto publicado em 1920, intitulado *Mais além do princípio do prazer*; esse texto figura até os dias de hoje como um dos trabalhos mais fundamentais da obra freudiana. Foi, portanto, muito a propósito que esse texto de Freud foi escolhido por Walter Benjamin no único comentário direto que Benjamin faz da obra freudiana, e os elementos que Benjamin recolhe em sua leitura asseguram o passo importante dado por Freud ao vetorizar a teoria psicanalítica em direção ao fenômeno catastrófico das guerras.

Portanto, a neurose traumática ingressou no pensamento de Freud pela força e contundência dos efeitos do fenômeno das guerras, o que o obrigou a plantar modificações fundamentais na teoria e na clínica psicanalíticas, evidenciando a Psicanálise como uma teoria potente, única capaz de analisar fenômenos da sociedade e da cultura a partir das dinâmicas inconscientes que os determinam.

Essa decisão provocou uma torção irreversível no pensamento freudiano e legou aos psicanalistas muitos impasses sobre os quais os estudiosos da Psicanálise se debruçam e se debruçarão por um tempo ainda indeterminado.

Foi nesse texto que Freud, sempre hesitante em relação à neurose traumática em tempos de paz, cuja causa era atribuída a desastres de trens, acidentes e efeitos do acaso, é retomada a partir de 1920 com outra tarefa e outra

grandeza. O exemplo mais elucidativo da neurose traumática passa a ser o sofrimento psíquico dos soldados que retornaram da primeira grande guerra. Freud passa então de um terreno incidental, apolítico e endógeno para a aproximação da Psicanálise e da metapsicologia aos fenômenos das guerras, que nada tem de incidental e são política e socialmente engendrados.³

O retorno dos discípulos de Freud do front da guerra – especialmente Sandor Ferenczi e Karl Abraham⁴ –, convocados então como médicos de guerra, revelou para Freud a importância de considerar os efeitos psiquicamente devastadores no psiquismo dos soldados numa guerra, no seio de um fenômeno constituído politicamente e cujos efeitos psíquicos não podiam ser compreendidos apropriadamente como fenômenos exclusivos à clínica. Tornou-se necessário para Freud pensar a guerra como fenômeno psíquico e sócio-político, movendo a Psicanálise, de modo mais ou menos inseguro, a uma seara que ele não intencionava visitar. Freud foi provocado pela guerra, não foi em busca dela. Freud foi atropelado pela maquinaria bélica que avançou sobre toda a Europa cujas consequências alcançaram a ele e a toda sua família.

A convocação de 3 de seus filhos e genro para o front da primeira guerra somados à eleição de Hitler como chanceler alemão em 1933 cujas consequências foram os diversos saques à sua casa pela gestapo desde então, a queima

3 Após o fim da primeira guerra e a dissolução do governo austro-húngaro, houve suspeitas de que os soldados que sofriam neuroses de guerra haviam sido brutalmente tratados pelos médicos do exército durante a guerra. Foi criada uma comissão para apuração desses fatos e o parecer de Freud como especialista foi solicitado. Freud escreveu então um *Memorandum sobre o tratamento elétrico dos neuróticos de guerra* no qual critica veementemente a prática do eletrochoque como tratamento aos soldados que neurotizavam nos campos de batalha. Esse memorandum foi encaminhado em 1920 ao Ministério de Guerra Austríaco e à comissão de inquérito que apurava os casos. Freud foi posteriormente chamado a fazer a defesa oral do memorandum que só foi publicado em 1955 graças a James Strachey, tradutor da obra de Freud em língua inglesa. Em 1918, no Congresso de Budapeste diversas autoridades da Europa Central participaram como observadores. A intenção era criar centros de atendimento por todo império austro-húngaro aos soldados que retornavam acometidos por neuroses de guerra. O fim da guerra e com ela a derrota do Império Austro-húngaro puseram fim à empreitada. (Freud, 1918; Strachey, 1950)

4 Discípulos importantes de Freud foram convocados como médicos em diversas frentes durante a guerra. Max Eitington, Karl Abraham, Sandor Ferenczi e Otto Rank estavam entre eles.

de seus livros na Alemanha, a prisão de sua filha Ana pela polícia nazista e sua editora fechada revelam que a vida dos Freud foi intensamente golpeada pelas guerras, por seus condicionantes e por seus efeitos. Tais consequências determinaram a vida da família de Freud até o ano da morte de Freud em 1938. Antes disso, após intensa mobilização internacional de psicanalistas e não psicanalistas, Freud e sua família incluindo noras, genros e netos se muda de Viena para Londres a fim de escapar de um destino, certamente trágico, reservado aos judeus residentes na Áustria.

Como respostas diretas à experiência da guerra Freud escreveu conhecidos textos gerados a partir de situações e fatos históricos diferentes entre a primeira e a segunda Guerras Mundiais.⁵

Porém, no subterrâneo das elaborações teóricas que modificaram os destinos da Psicanálise havia a segunda teoria das pulsões (vida e morte), a segunda tópica (id, eu, supereu) e a segunda teoria da angústia, na qual o trauma ocupa lugar central e decisivo. Elaborações e dúvidas de Freud que encontrarão clara expressão e algum desenvolvimento no artigo *Mais além do princípio do prazer*.

Ao eger essa obra de Freud, num texto em que Baudelaire também é retomado no seio das contradições que sua obra suscita e dos ultrapassamentos que provoca, Walter Benjamin teria assinalado a importância do pensamento em tempos de crise, mas também revelado de modo insuspeito, a capacidade de grandes pensadores e criadores em colocarem a prova suas próprias convicções e sua obra. Há, portanto, nesse texto de Benjamin, a proposição de um diálogo, mas também uma provocação necessária à Freud tal como Einstein já o fizera em 1933.

Esse temível embate com o leitor indicado por Baudelaire na apóstrofe de *As flores do mal* e encarecido por Benjamin – “Hipócrita leitor, meu igual, meu irmão” (1989, p. 104) – revela a um só tempo a distância intransponível entre a compreensão possível da obra, por aqueles aos quais ela se dirige, e a

5 Entre os textos importantes de Freud estão *Considerações atuais sobre a guerra e a morte* (1915), *Introdução ao Simpósio sobre as Neuroses de Guerra* (1919), *Memorandum sobre o tratamento elétrico aos neuróticos de guerra* (1920) e as correspondências trocadas entre Freud e Einstein no entre guerras, e publicadas com o título *O porque da guerra* (1933).

impossibilidade em ultrapassar os preconceitos e os vícios que obstruem essa mesma compreensão. Aí também a notação de uma semelhança entre Baudelaire e Freud. Na condição de estrangeiro (judeu sem judaísmo, médico avesso à medicina, fundador de uma ciência nova e incompreendida), Freud, mais de uma vez, se queixara da oposição que sofrera diante dos que se opunham à Psicanálise sem compreendê-la.⁶

Como Baudelaire, Freud dedicou-se a uma espécie de afirmação contumaz da importância do que se negava (o não consciente, a sexualidade), mas o fez refundando a experiência do psíquico em outras bases; segundo os princípios que regem o involuntário, o irracional e o inconsciente. A experiência psicanalítica não é outra coisa senão a experiência do inconsciente revelado nas costas da atenção consciente e vigil.

Uma memória inconsciente se põe em curso na experiência psicanalítica, lá onde a experiência constitui sua própria temporalidade e duração e onde “[...] a presentificação da *durée* (duração) é que libera a alma humana da obsessão do tempo” (Benjamin, 1989, p. 131). A atenção flutuante do analista e a associação livre do analisando se abrem como o pano de fundo no qual a experiência analítica se estende. Nesse exercício imprevisível emerge o que a *memoire involontaire* deixa entrever, instalada no seio da duração (*durée*) que não pode lhe coagir, nem lhe acometer, mas deve lhe sustentar, como sustentaria o tédio e o sonho perturbáveis por ‘qualquer sussuro’.

Nesse sentido é que ao estabelecer a diferença e oposição entre experiência (*Erfahrung*) e vivência (*Erlebnis*), Walter Benjamin oferece um elemento chave para compreensão daquilo contra o que a experiência e o pensamento de Freud também se insurgem, e revela que o dever de lembrar (*memoire volontaire*) dissuade e desloca constantemente o homem na multidão para o universo

6 Escreve Freud em 1914: “Para descobrir a situação da Psicanálise na Alemanha bastará fazer constar que ocupa o ponto central da discussão científica e desperta, tanto entre os médicos como entre os leigos vivas manifestações contrárias que não se tem acalmado até agora, repetindo-se sempre de novo com intensidades periódicas” (p. 1911/t2). E 10 anos depois em sua autobiografia de 1925, referindo-se às suas pesquisas iniciais junto à sociedade médica de Viena: “A impressão de que as grandes autoridades médicas haviam rechaçado minhas inovações, obteve a vitória, e me vi relegado à oposição com minhas opiniões sobre a histeria masculina e a produção de paralisia histerica por meio de sugestão” (p. 2766).

informativo no qual ele não cessa de colidir com corpos, fatos e informações que não pode discriminar e nem se apropriar, e tudo aquilo do que ele se lembra, voluntária e conscientemente, ofusca uma verdadeira experiência da memória impondo, sorratamente, o apagamento dos rastros.⁷

Um exemplo catastrófico, porém não surpreendente e até mesmo previsível – “não havia nada de anormal nisso” (Benjamin, 1985d, p. 198), dirá Benjamin – é a imagem do choque exterminador entre “Uma geração que ainda fora a escola num bonde puxado por cavalos” e “se encontrou ao ar livre numa paisagem em que nada permanecera inalterado, exceto as nuvens, e debaixo delas, num campo de forças de torrentes e explosões, o frágil e minúsculo corpo humano” (1985d, p. 198).

Essa mesma geração que vivera a experiência da primeira grande guerra e, logo viveria a experiência da segunda, foi a mesma que se encontrava aturdida pela invasão das máquinas e sua presença irreversível no cotidiano das multidões, de tal maneira que seriam as próprias máquinas os instrumentos de mudança radical e consentida, e cujo efeito são os fenômenos de massificação, homogeneização, reproduzibilidade e anomia exibidos exemplarmente nas situações de guerra. Nelas trata-se da coação à homogeneidade e a uniformização diante da qual a narração e a singularização que lhe é coeva, figuram como patéticas e inúteis expressões num sistema no qual a eficácia das máquinas e de seus operadores define a vitória ou a derrota.

A narração, o narrador, assim como o artesão, são a evidência de coisa também frágil, minúscula e inútil diante das máquinas e que, como o corpo humano, não têm outra função senão a de se colocar a serviço dos motores e dos grandes discursos universalizantes, auxiliando-os a exibir seus dotes espetaculares embebidos na massificação que o fascismo captura e instrumenta. A máquina empresta ao homem que a opera, por instantes, seu poder extraordinário:

7 Uma contribuição excepcional a esse diálogo Freud/Benjamin e os conceitos de choque, trauma e memória são as observações de Derrida sob a pulsão de morte, precisamente em seu caráter anarquívico, de destruição do arquivo, da elisão da memória, “com vistas a apagar seus ‘próprios’ traços-que já não podem desde então serem chamados de ‘próprios’” (Derrida, p. 21, 2001). Ver também Gagnebin, J. M. Memória e Esquecimento: linguagens e narrativas. In: *Memória e (res)sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, p. 85-94, 2001.

No piloto de um único avião carregado com bombas de gás concentram-se todos os poderes-o de privar o cidadão da luz, do ar, da vida-que na paz estão divididos entre milhares de chefes de escritório (Benjamin, 1985a, p. 72).

Será na experiência cotidiana que se revelarão os efeitos da profunda implicação do homem com as máquinas, ao ponto da identificação competitiva que subjetivamente o faz desejar assemelhar-se aos robôs, ter como efeito e resultado apenas a constatação de seu fracasso e de sua fragilidade. O homem como coisa piorada diante da máquina. Ao mesmo tempo, os efeitos da disciplina imposta pelas máquinas se revelam e se instalam no ataque às experiências do sonho e do tédio, impossíveis para o homem-máquina, o autômato.

Essa experiência imporá o fim da narração e uma mudança radical nas experiências comunais e alteritárias, hoje destituídas de sentido e valor, e reveladas para o homem urbano como experiência raquítica e ocasional, nos intervalos concedidos em seu ritmo alucinante e sua rotina atarefada em cidades que nunca dormem. O sono, o sonho e o tédio se apresentam como excrescências da vida atenta e vigil e perduram como expressões individuais que se esgotam em si mesmas.

Cito Walter Benjamin:

Se o sono é o ponto mais alto da distensão física, o tédio é o ponto mais alto da distensão psíquica. O tédio é o pássaro do sonho que choca os ovos da experiência. O menor sussurro nas folhagens o assusta. Seus ninhos-as atividades associadas ao tédio-já se extinguíram na cidade e estão em vias de extinção no campo. Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes (1985d, p. 204-205).

Naquilo que constitui o cotidiano das pessoas vemos se instalar, com regularidade e persistência irremovível, um compasso novo, binário, incapaz de preservar os ritmos do sonho e do tédio tidos como experiências tolas,

lentas e débeis a serem descartadas a partir da fascinação gerada pelos processos repetíveis, substituíveis e excessivos.

L'automobile c'est La guerre (Benjamin, 1985a, p. 61). Surpreende-nos Walter Benjamin ao analisar o exibicionismo volátil de uma feira de automóveis e as consequências devastadoras da ideologia fascista e de suas convicções apoiadas sobre a eficiência sem qualquer moral.

O narrador de Benjamin (1985d) e o herói épico de Freud, apresentado como ponto de fuga dos fenômenos de massa (Freud, 1981) encontram-se então em impressionante sintonia e tensão. Voltaremos a isso mais adiante.

Walter Benjamin recorre a Freud a fim de melhor definir a experiência do poético em Baudelaire, e esse recurso se abre e se fecha como num movimento espiralado continuamente retomado ao longo do artigo *Sobre alguns temas em Baudelaire*. O que chamou a atenção de Benjamin, a princípio, fora o caráter mutuamente excludente entre consciência e memória na experiência psíquica, descrita e revelada por Freud. Essa formulação está presente desde os primeiros escritos pré-psicanalíticos de Freud, de uma maneira até mesmo mais radical, embora conceitualmente menos madura.⁸

8 Esse texto escrito por Freud ainda no período pré-psicanalítico (1895) foi entregue ao seu amigo Wilhelm Fliess e não foi publicado durante a vida de Freud. A disposição de Freud após duvidar das hipóteses nele contidas, era mesmo a de destruir o texto. Graças à intervenção de Marie Bonaparte, princesa da Grécia e da Dinamarca e discípula de Freud, o texto foi recuperado por ela após décadas. O texto foi publicado pela primeira vez em 1950, doze anos após a morte de Freud. A forte presença de uma terminologia neurológica e fiscalista presente no artigo foi sendo abandonada por Freud ao longo da de sua obra, porém algumas teses fundamentais desse texto persistiram a ponto de retornarem em diversos textos freudianos; Mais além do princípio do prazer é, certamente, um deles. Uma das aproximações importantes entre o texto de 1895 e o de 1920 e que nos cabe ressaltar é a suposição de Freud, em 1895, de que o psiquismo seria organizado em sistemas neuronais com funções distintas, donde que os neurônios ϕ , Ψ e ω teriam ações e correlações específicas e diferenciadas e as ações psíquicas se organizariam em torno de prioridades dadas, ora a percepção-consciência, ora a memória na recepção tanto dos estímulos internos quanto externos, definidos por Freud como quantidades (Q). Resultando, de maneira simplificada, que há sistemas neuronais (psíquicos), os neurônios ϕ e ω , diferentemente dos neurônios Ψ , que não constituem memória. Portanto uma relação de excludência entre percepção e consciência de um lado e a memória de outro. Essa atenção vigilante exigida em alguns processos psíquicos simplesmente impossibilita e exclui a memória no instante em que ele opera psiquicamente num dos

A retomada dessa discussão por Freud em 1920 se apresenta, como já dissemos, sobre outras bases e inclui, fundamentalmente, algumas elaborações sobre o trauma e a guerra. Embora a crítica já feita a Benjamin, sobre uma certa imprecisão conceitual no que se refere à sua compreensão do traumático nesse texto não seja irrelevante e nem imprecisa (Rouanet, 2008, p. 73-80), não serão encontradas aí, em minha opinião, as pistas das discussões mais importantes e reveladoras que o artigo introduz, mas numa outra senda que se abre como pergunta – ora latente, ora manifesta – em boa parte da obra de Freud. Essa pergunta permitirá condensar a crítica à modernidade, às guerras, a constituição do sujeito psíquico num cenário traumatogênico e está presente de modo explícito na obra de Freud desde 1908, ano da publicação do texto *A moral sexual 'cultural' e a nervosidade moderna*, como também atravessa insistentemente o texto benjaminiano sobre Baudelaire (1939) que consiste no avanço da compreensão sobre o caráter traumático das massas e das multidões.

De todo modo Rouanet indica que tem clareza dos eventuais danos provocados por uma apreciação “literal” da obra de Benjamin, e dos riscos de pautar a leitura dos diálogos entre Freud e Benjamin pela exigência de uma correspondência ponto a ponto na definição de conceitos, que ele próprio assinala inicialmente do texto benjaminiano. Cito Rouanet:

Mas devemos guardar-nos do pedantismo de uma interpretação literal da tese de Benjamin, que nos levaria a fechar os olhos ao que ela tem de inovador (Rouanet, p. 75).

O próprio Benjamin está ciente do grau de indeterminação presente na aproximação entre campos relativamente autônomos e distintos. Tal como observará no início das reflexões da parte 3 do artigo:

sistemas e, ao mesmo tempo, obriga todos os sistemas a operarem de forma interdependente e integrada. Tanto a apresentação do aparelho psíquico e de memória apresentadas no capítulo VII do texto *A Interpretação dos Sonhos*, quanto a discussão sobre a memória e o trauma retomada em *Mais além do princípio do prazer* são herdeiras dessas primeiras elaborações freudianas. Ver Freud, S. (1900) *A Interpretação dos sonhos*. In: *Obras Completas*, T. I, Madrid: Biblioteca Nueva, p. 656-720, 1981.

Esta correlação tem a forma de uma hipótese. As seguintes considerações, nela baseadas, não têm a pretensão de demonstrá-la. Terão que se restringir à comprovação de sua fecundidade para fatos distantes daqueles que Freud tinha em mente ao formulá-la (1989, p. 108).

Como também Rouanet (2008, p. 80-84) reconhece a aproximação fértil entre as reflexões de Walter Benjamin em *Sobre alguns temas em Baudelaire* e Sigmund Freud em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. De certo modo esse é um dos pontos mais férteis que o texto de Benjamin possibilita explorar apontando caminhos e deixando pegadas (rastros) para uma investigação que se tornará frequente e fundamental para Freud e para a Psicanálise, notadamente a partir de 1920.

O choque entre dois corpos premidos na multidão é a expressão da indiferença constitutiva das massas. Sujeitos se aglomeram, se amontoam, coagidos em sua própria alienação e estranhos entre si; atores e vítimas de um estranhamento constrangedor que os comprime. Mas estão todos atentos, concentrados em sua atarefada rotina, nos compromissos a serem concluídos e executados. Eles não sabem por onde estão passando, mas sabem para onde estão indo e onde querem chegar.

Tal como Benjamin observa, em referência à Marx: “A vivência do choque, sentida pelo transeunte na multidão corresponde a vivência do operário com a máquina.” (1989, p. 126). Ambos expectantes pelo fim da jornada, ambos indiferentes ao trajeto, ao caminho e ao durante convertidos em experiências desagradáveis.

A vivência que permite desconhecer o outro em meio a tantos revela uma resignação que só tem par no trato do operário com a máquina que, imperativa, deflagra e interrompe o corpo e psiquismo do operário. A partir de então a violência não será vivida enquanto distorção, erro e perplexidade, mas como coisa banal, corriqueira impondo o seu ritmo e reproduzindo pedagogicamente a indiferença.

A submissão às máquinas e o fascínio por elas aterrorizam porque sobre essa prontidão se superpõe a notável eficiência propalada pelas práticas e discursos fascistas. A limpeza, a eficiência, a pureza e seus corolários: a limpeza étnica, a marginalização dos não especializados e os genocídios em massa só serão atingidos, comandados e instruídos pelo furor maquinal que não deixará atrás de si rastro de passagem.

O desaparecimento do narrador e a obturação da experiência repousam sobre a exigência de um ritmo muito específico, próprio às vivências ligeiras onde a memória não se refaz, mas é insistentemente banida, precisamente porque não há mais tempo para ela. A memória é atacada como volta ao passado e obstáculo à mudança e ao progresso desenvolvimentista das tecnologias, que avançam com seu projeto de ocupação de mais espaço⁹, mais tempo e mais corpos objetificáveis.

Na descrição da formação das massas, Freud insiste nos efeitos de uniformização do discurso e das ações dos sujeitos revelados como amantes de sua própria servidão e adoradores de um novo Totem. O pai tirânico da horda primeva¹⁰ é restaurado nos fenômenos de massa das sociedades modernas como objeto adorado, sobretudo porque promete absolver os sujeitos da intrincada e complexa experiência com as diferenças e com o diferente. O convívio alteritário é difícil, lento e ineficaz. A alienação aposta na homogeneidade, tornando-a subjetivamente desejável como restauração da massa que compele à uniformização e ao comando de um líder, do mesmo modo, obcecado com os movimentos uniformes que sobrevêm ao aceno de sua batuta. Essa dinâmica produz e reproduz uma estética própria, revelada como estetização da política, suportada pela espetacular obediência uniforme da massa condicionada pela alienação do sujeito nela (Benjamin, 1985c) e jamais exibidos com tanta clareza como nas guerras.

9 Ver Benjamin, W. O caráter destrutivo. In: Benjamin, W. *Rua de mão única*. Obras Escolhidas II. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995, p. 235-236.

10 A hipótese freudiana sobre o primeiro grupamento humano-a horda primeva- comandada por um pai animalizado e tirânico que precede as organizações humanas complexas será plenamente desenvolvida em Freud, S. (1913) *Totem y Tabu*: algunos aspectos comunes entre la vida mental del hombre primitivo y los neuróticos. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

O comando magnânimo que coloca os motores em movimento ao apertar de um botão e com esse único – e belo – gesto implode histórias, cidades e pessoas exhibe essa estética atroz e sensacional e a retroalimenta. Os processos de identificação em curso aceitam que, sob as máquinas e diante delas, o sujeito não seja mais do que mácula, mancha populosa que não pode mais conviver com as exigências urgentes de uniformização dos processos industriais e informacionais, regidos e operados pelos autômatos. As máquinas são a resolução perfeita para a imperfeição do homem que deseja ser massa. E são elas que hoje assumem a posição de líderes pelo simples fato de que se tornou impossível viver sem elas.

O esvaziamento produzido por essa lenta transformação degrada os processos de memória, na medida que o saneamento do sujeito singular implica na tramitação da experiência memorial para um apanhado de lembranças comuns e uniformes, sem qualquer interesse para a comunidade a qual se dirige e sem a competência para manter viva a tradição que a engendrou. Souvenires dispostos em postos de venda oferecem vivências (Erlebnis) em grande quantidade. Tantas quantas forem necessárias para que cada indivíduo da multidão tenha seu pequeno Mickey Mouse, reflexo da produção massiva de objetos repetitivos, entediantes e sem aura.

Será então a multidão o próprio lócus mais apropriado desde onde advirá o trauma, e ali ele é engendrado como potência e possibilidade iminente. E é ali que o sujeito aprende a se resignar ao ritmo imposto pelas máquinas e, ao fazê-lo, expõe-se ao traumático que ele percebe apenas como excitante, veloz e eficaz. Aliado da experiência da memória, o homem comum será o amante das experiências de vida e morte, que só as máquinas podem prover, real ou virtualmente. Nas cabines dos brinquedos dos parques de diversão ou dos jogos virtuais se vive ou se morre um milhão de vezes.

A experiência do excesso que obriga o Eu ao trabalho constante da vigilância contra o choque é a mesma que se apresenta sob o signo impróprio da excitação e do gozo, impossíveis na duração ‘lenta’, única capaz de suportar a memória como experiência.

A morte da experiência revelaria então que determinadas funções do Eu se tornaram prescindíveis, e quase desnecessárias, em função da

hipervigilância necessária ao psiquismo para se salvaguardar da hiperexcitação que ele mesmo busca e a qual ele mesmo se expõe.

A experiência e as impressões do choque, que para Benjamin seriam as condições da experiência poética, não encontram correspondência direta em Freud. Ao menos naquilo que Freud elaborou como o choque traumático. Em Freud o corolário não é a criação, muito menos a criação poética, mas a repetição do traumático e a imobilização do psiquismo no eterno retorno ao trauma, em busca da reinstauração de um estado, prévio ao instante do acontecimento traumático, quando o Eu teria algo a fazer na proteção ao psiquismo contra o choque que o feriu com força e gravidade.

De algum modo Benjamin está indicando outro fenômeno que lesa a memória enquanto tal e, por conseguinte, a própria experiência poética: trata-se de um excesso de vigilância consciente, a tal ponto, que o inconsciente perderia sua influência na vida psíquica, ou ao menos a teria muito diminuída, coagida de maneira persistente a responder às ameaças de sucessivos choques possíveis e iminentes imposto pelo regime da eficiência e do excesso de tecnologia à disposição do homem moderno.

É da vida do autômato que Benjamin está falando. Da progressão com que o desejo – como experiência – é arrastado para a vivência instantânea da excitação. O paroxismo da atenção consciente e a preocupação de Benjamin do predomínio dessa conscientização atenta, vigil e desperta estão claras na seguinte observação:

Afinal, talvez seja possível ver o desempenho característico da resistência ao choque na sua função de indicar ao acontecimento, às custas da integridade de seu conteúdo, uma posição cronológica exata na consciência. Este seria o desempenho máximo da reflexão, que faria do incidente uma vivência (1989, p. 111).

O empobrecimento do incidente residiria na possibilidade de uma ação psíquica que se salvaguardaria de tal modo, e com tal exagero, que empobreceria a própria capacidade de criação psíquica: a criação poética.

O choque ao qual Benjamin se refere é um choque insidioso trazido pela coação das multidões. É a massa amorfa que se apresenta como volume e ‘massa colossal’ (1989, p. 112) em rota de colisão física com a possibilidade da constituição da experiência. A nosso ver, é isso que constitui o traumatogênico na obra de Benjamin; à experiência do choque ele teria consagrado esses elementos que escorrem da consciência para perdurarem como memória. Memória enquanto potência enunciadora da criação e da singularização do sujeito emancipado da massa e da multidão.

Nesse sentido, a experiência poética possibilitada pelo choque é o oposto da nulidade ou da impossibilidade da constituição da memória e da experiência como efeito do choque traumático pensado por Freud no texto de 1920.

É o que revela a imagem do esgrimista cujos “golpes que desfere destinam-se a abrir-lhe caminho através da multidão” (1989, p. 113). Nela, o embate físico prestes a esmagar só pode ser combatido com uma resposta que revele a um só tempo ação e estilo. Novamente, é na dinâmica própria à constituição das massas que as reflexões de Freud e Benjamin voltam a se reencontrar no texto *Psicologia das Massas e análise do Eu* de 1921. Para Freud, o sujeito que se emancipa da massa é uma espécie de poeta épico que assume as próprias palavras, mata o tirano e enuncia seu próprio destino.¹¹

Sendo assim, o choque em Benjamin não é o que impõe o trauma, como em Freud, mas uma intensidade que não foi capturada pela consciência e, inconscientemente, continua a produzir efeitos e induzir processos de criação nos quais o sujeito moderno ainda se reconhece como autor e artífice.

Por outro lado, a hipervigilância e hiperconscientização que resultam da impossibilidade da experiência do choque Benjaminiano, têm como

11 Destaco o seguinte trecho em Freud: “Foi então que talvez algum indivíduo, na urgência de seu anseio, tenha sido levado a libertar-se do grupo e a assumir o papel do pai. Quem conseguiu isso foi o primeiro poeta épico e o progresso foi obtido em sua imaginação. Esse poeta disfarçou a verdade com mentiras consoantes com seu anseio: inventou o mito heróico. O herói era um homem que, sozinho, havia matado o pai – o pai que ainda aparecia no mito como um monstro totêmico. Como o pai fora o primeiro ideal do menino, também no herói que aspira ao lugar do pai o poeta criava agora o primeiro ideal do ego” (1921, p. 2604) e remeto o leitor para Freud, S. *Psicologia de las masas y analisis del yo*. In: Freud, S. *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 2565-2610, 1981.

consequência uma aposta absoluta no presente e nas vivências que nele podem se esgotar, sem tradição e sem continuidade. A supremacia do presente, do agora, é o que constitui o traumático como experiência impossível ao psiquismo, como pensaram Benjamin e Freud. É nesse contexto, no qual a automação elide a narração, é que o traumático como experiência devastadora se torna comum, possível e imprevisível.

Benjamin contextualiza histórica e politicamente o que Freud descreve psiquicamente imprimindo a essa reflexão freudiana um caráter de continuidade e de aprofundamento sócio-histórico. A multidão benjaminiana é imune aos choques que restituem as bases da criação poética, bem como refaz permanentemente as condições do trauma freudiano. Poderíamos sugerir então como efeito dessa aproximação e diálogo que lá onde o trauma espreita, as condições para a criação poética inexistem.

A não coincidência literal entre o sentido e os conceitos de choque e trauma em Freud e Benjamin tornam-se, na verdade, frutíferos quando analisados em campos fronteiriços cujo ponto de articulação é o surgimento de experiências subjetivas irrefutáveis, advindas de grandes planos de agenciamento ditados pelos processos de dominação e captura em curso no final do século XIX e início do XX e seus corolários: as duas Grandes Guerras. Essa diferença permite matizar dois fenômenos de ordem diferente (o choque e o trauma) invisíveis quando analisamos as duas obras em separado.

Na sombra de um mundo previamente ordenado, o homem nas massas ao mesmo tempo se acomoda e odeia tudo o que desfaz essa ordem da qual ele não é mais do que um emissário servil, incapaz de memória. Ele aderiu à velocidade excitante que lhe mantém atado ao presente, aprisionado por ele, mas de algum modo se reconhece como o homem do futuro, moderno e imune às preocupações sobre seu próprio destino. A hipervigilância e a hiperconsciência o protegem.

Partindo de uma crítica a uma tradição de pensamento que vocifera contra as massas, – na verdade contra os movimentos sociais e revolucionários desde a Revolução Francesa –, Freud dialoga criticamente com os autores herdeiros

dessa tradição para, logo em seguida, se afastar deles completamente.¹² Vemos isso logo na primeira observação que distancia Freud de Le Bon e os autores dessa tradição:

Mas agora temos de acrescentar que na verdade nenhuma das afirmações desse autor traz algo de novo. Tudo o que ele diz de desfavorável e depreciativo sobre as manifestações da alma coletiva já foi dito antes com a mesma nitidez e hostilidade, é repetido em termos semelhantes por pensadores, estadistas e poetas, desde que existe literatura (Freud, 1921, p. 32).

Mas essas diferenças se agravarão no momento em que Freud analisa os primeiros exemplos de massas altamente organizadas: a igreja e o exército. E justifica movendo sua reflexão para um aspecto particular na formação das massas que é a adesão incondicional à figura do líder. Não poderemos examinar aqui as diversas implicações da argumentação freudiana diante dos debates que estavam em curso à época de Freud. Mas pretendemos deixar assinalado, como já observou Ernesto Laclau (2006, p. 60), que uma das consequências importantes da reflexão freudiana em *Psicologia das massas e análise do eu*, foi o ultrapassamento da interpretação corrente postulada pela psicologia social do início do século XX, que atribuía aos fenômenos sociais de massa o caráter de ‘aberrações sociais’, opondo-os de modo flagrantemente tendencioso à normalidade, racionalidade, organização e civilidade; características guardadas aos indivíduos quando fora e longe das massas.

Freud identificará na formação das massas fenômenos muito semelhantes aos encontrados na formação neurótica dos indivíduos, com efeitos, no entanto, completamente diferentes.

12 Remeto o leitor à dissertação de Bruno Shimizu intitulada *Solidariedade e Gregarismo nas facções criminosas: um estudo criminológico à luz da psicologia de massas*. 2011. Dissertação (Mestrado em Direito Penal), Universidade de São Paulo. Trabalho agraciado com prêmio de melhor dissertação do ano pelo IBCRIM, as influências e divergências de Freud com alguns pensadores de sua época são examinados com competência e em detalhe nessa pesquisa.

O que se apresenta na experiência psíquica como desejo de totalidade, completude e restauração da ordem – e que Freud sintetizou como o caráter conservador da pulsão¹³ (Freud, 1920, p. 160-163) – cobra o preço da adesão incondicional resultante da indiscriminação regressiva, na qual o sujeito do inconsciente é aprisionado como objeto de gozo por uma autoridade, supondo seu próprio gozo como autorizado e a reboque do desejo do tirano.

Poucas afirmações peremptórias presentes na frase ‘estávamos apenas cumprindo ordens’ revelam de modo tão contundente e simultâneo a adesão incondicional a um totem (líder tirano), a radicalidade do desaparecimento do sujeito no seio da multidão indiferente, o apagamento e a impossibilidade da memória, e a conformação da massa como agente traumático por excelência. Frase em geral enunciada em situações nas quais se cobra o respeito à história, à tradição, aos acordos e pactos firmados e reconhecidos em outro tempo e lugar.

‘Estávamos apenas cumprindo ordens’ revela, de modo inequívoco, um discurso que pretende abolir todos os acordos prévios a ele e à confissão da renúncia da autoria e do próprio desejo remetido a um fantasma que, no momento da responsabilização, está ausente. Eles estão afirmando: ‘somos apenas máquinas operadas por um desejo alheio’. Neles a identificação com as máquinas encontra seu ápice e como seus operadores sua eficiência é incontestada, precisamente porque não querem e não podem rememorar nada e nem reconhecer os efeitos de sua ação. O vórtice que ela alimenta quer arrastar o mundo para um perpétuo reinício e um perpétuo fim.

O desejo impróprio produz sintoma, repetição e obturação temporal e, paradoxalmente, e em nome dele se corroem as condições que deflagram os processos contínuos de produção da memória. No seio dessa maquinaria que reproduz tal impropriedade afirma-se o desejo secreto de não mais desejar e, antes e depois da realização de tal desejo, o presente sempiterno e sem traços.

13 Ver na tradução de Luiz Alberto Hanns, Freud, S. (1920) Mais além do princípio do prazer. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*, Rio de Janeiro: Imago, vol.II, 1915-1920, p. 160-163.

Referências

- Benjamin, W. Teorias do fascismo alemão. Sobre a coletânea Guerra e Guerreiros, editada por Ernst Junger. In: Benjamin, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1985a. p. 61-72.
- Benjamin, W. Experiência e pobreza. In: Benjamin, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1985b. p. 114-119.
- Benjamin, W. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: Benjamin, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1985c. p.163-196.
- Benjamin, W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Benjamin, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1985d. p. 197-221.
- Benjamin, W. O caráter destrutivo. In: Benjamin, W. *Rua de mão única*. São Paulo, Brasiliense, 1987. p. 61-72.
- Benjamin, W. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: Benjamin, W. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 103-149.
- Derrida, J. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- Endo, P. C. *A Violência no Coração da Cidade: Um estudo psicanalítico*. São Paulo: FAPESP/ESCUA, 2005.
- Freud, S. ([1895]1955) Proyecto de una psicología para neurólogos. In: Freud, S. *Obras Completas de Sigmund Freud*, T. I. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. p. 208-276.
- Freud, S. (1900) La Interpretación de los sueños. In: Freud, S. *Obras Completas de Sigmund Freud*, T. I. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. p. 349-720.
- Freud, S. (1913) Totem y Tabu: Algunos aspectos comunes entre la vida mental del hombre primitivo y los neuroticos. In: Freud, S. *Obras*

- Completas de Sigmund Freud*, T. II. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. p. 1745-1850.
- Freud, S. (1915) O Inconsciente. In: Freud, S. *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. II. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 19-51.
- Freud, S. (1920) Além do princípio do prazer. In: Freud, S. *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. II. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 135-182.
- Freud, S. (1921) Psicologia das massas e análise do eu. In: Freud, S. *Obras completas*, v. 15, São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p.13-113.
- Gagnebin, J. M. Memória, história, testemunho. In: Bresciane, S. & Naxara, M. (org.) *Memória e (res)sentimento*. Campinas: Editora da Unicamp, p. 85-94, 2001.
- Laclau, E. *La razón populista*. México: FCE, 2006.
- Rouanet, S. P. *Édipo e o anjo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008.
- Shimizu, B. *Solidariedade e Gregarismo nas facções criminosas: um estudo criminológico à luz da psicologia de massas*. Dissertação (Mestrado em Direito Penal), Universidade de São Paulo. 2011.

